

## **AS QUESTÕES DEMOGRÁFICAS, RELIGIOSAS E CULTURAIS NA EUROPA DO SÉCULO XXI: IMIGRAÇÃO, MULTICULTURALISMO E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES**

*Lucio Jablonski Junior<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

As migrações internacionais são um dos temas mais importantes na atual agenda das relações internacionais, envolvendo ao mesmo tempo dois aspectos relevantes e que, por vezes, se confrontam nas tomadas de decisões relacionadas a tal tema, a segurança internacional e os direitos humanos. Neste artigo serão abordados alguns aspectos fundamentais para a compreensão de como as correntes imigratórias rumo à Europa, sobretudo as provenientes dos países com população de confissão muçulmana, são fator essencial em qualquer análise séria da Europa e de sua inserção nas relações internacionais no século XXI.

### **PALAVRAS CHAVE**

União Europeia; imigração; islamismo.

### **ABSTRACT**

The international migrations are one of the most important themes in the current agenda of international relations. They involve in the same time two important aspects, that sometimes are opposite in the decision making, the international security and the human rights. This article will address some key issues to understanding the migration flows towards Europe, particularly the flows deriving from muslim countries, as essential factors in any European review and its insertion on the international relations in this century.

### **KEYWORDS**

European union, inmigration, islamism.

---

<sup>1</sup> Especializando em Geopolítica e Relações Internacionais na Universidade Tuiuti do Paraná. Bacharel em Relações Internacionais pelas Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil. Pesquisa realizada no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) de Direito – UniBrasil e Grupo de Pesquisa Pátrias - Plataforma de Análises Acadêmicas e Técnica de Relações Internacionais da América do Sul – UniBrasil. E-mail: lucio\_jablonski@hotmail.com

## 1 A QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO NA EUROPA

Em seu extenso livro a respeito da história da Europa após o final da Segunda Guerra Mundial, Tony JUDT destaca que a Europa que nasceu no pós-guerra era um continente com países homogêneos como há muito tempo não se via. Com exceção da União Soviética (que era parcialmente europeia) e da Iugoslávia, todos as populações viviam em seus respectivos países e as minorias étnicas representavam parte diminuta da porcentagem da população, estando completamente assimiladas aos países em que viviam, como os judeus na França<sup>2</sup>.

Obviamente este cenário só foi possível “graças à guerra, à ocupação, aos ajustes de fronteira, às expulsões e aos genocídios”<sup>3</sup>, “Josef Stalin e Adolf Hitler (...), os dois ditadores arrasaram a charneca demográfica sobre a qual as fundações de um continente novo e menos complicado foram então construídas”<sup>4</sup>.

Através da barbárie e com meios nem um pouco louváveis, o continente europeu iniciou uma nova fase de sua história sem conflitos étnicos efetivos – mas latentes, como os dois casos já citados.

É necessário, no entanto, acrescentar que os europeus nunca conviveram amplamente com uma diversidade que não fosse a própria existente entre os países e culturas da Europa. Como destaca Walter LAQUEUR, os judeus que viveram séculos na Europa não passavam de dezenas de milhares e fizeram de tudo para integrar-se à cultura local, aprendendo o idioma do país em que estavam instalados e investindo na educação dos filhos, o que os levou a uma rápida ascensão social e fez com que dessem significativas contribuições à vida científica e cultural às sociedades em que estavam inseridos<sup>5</sup>.

Além dos judeus, outra minoria importante que está presente há muito tempo na Europa são os ciganos, que, devido a suas características nômades e cultura muito própria nunca foram considerados nacionais dos Estados, e sempre foram alvos de discriminação no continente europeu.

Estas minorias, porém, representavam uma pequena parte da população e nunca ameaçaram as identidades nacionais dos países, a noção de pertencimento e de nacionalidade de cada Estado sempre<sup>6</sup> foi um conceito estreito, diferentemente do conceito de formação dos Estados Unidos, do Brasil, da Argentina, da Austrália, onde vários povos constituíram uma nação, o Estado-nação europeu foi construído a partir da

---

<sup>2</sup> JUDT, Tony. **Pós-guerra**: Uma história da Europa desde 1945. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 23.

<sup>3</sup> *Idem*.

<sup>4</sup> *Idem*.

<sup>5</sup> LAQUEUR, Walter. **Os últimos dias da Europa**: Epitáfio para um velho continente. Tradução de André Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. p. 15-16.

<sup>6</sup> Considerar esta afirmação a partir da formação e consolidação dos Estados-nações europeus, que se deu mais cedo em alguns países e mais tardiamente, somente no século XIX, na Alemanha e Itália.

ideia de um povo para um Estado. Com exceção de alguns países com grandes tensões separatistas como a Espanha e a Bélgica e de cantões autônomos como a Suíça, a maior parte dos outros Estados sempre possuíram desde a sua formação noções fixas de identidade nacional e de pertencimento à nação<sup>7</sup>.

As primeiras migrações que ocorreram após o final da Segunda Guerra Mundial foram intra-europeias, italianos e iugoslavos que foram à Alemanha, espanhóis e portugueses à França, entre outros. No entanto, estes imigrantes não permaneciam nestes países, e após cumprirem o seu contrato de trabalho, retornavam com o dinheiro para os seus países de origem<sup>8</sup>.

A outra onda de imigrantes teve origem com a dissolução de impérios, indianos ocidentais, paquistaneses e indianos que foram para a Grã-Bretanha e norte-africanos das ex-colônias francesas que se dirigiram à antiga metrópole. Um grande número de turcos dirigiram-se principalmente para a Alemanha, os *gasterbeiter*, e para alguns outros países, imigração esta sem qualquer laço histórico como nos dois primeiros casos<sup>9</sup>.

Os governos dos países anfitriões acreditavam que assim que estas pessoas obtivessem uma reserva de dinheiro para poder melhorar suas vidas, elas voltariam aos países de origem, no entanto, apenas metade dos dois ou três milhões de trabalhadores convidados realmente voltaram. E os que permaneceram acabaram por trazer seus familiares<sup>10</sup>.

É importante destacar o motivo que levou estes trabalhadores a serem convidados pelos governos das grandes economias europeias ocidentais a imigrarem à Europa para trabalhar: as economias europeias estavam crescendo e os países se reconstruindo das destruições da segunda grande guerra; a mão de obra europeia não era suficiente e nem os europeus desejavam fazer trabalhos como os da construção civil; valeram-se então do trabalho imigrante dos países do então chamado terceiro mundo para realizarem este tipo de trabalho; o que evidentemente não era desvantajoso para os imigrantes, pois recebiam salários com valores que jamais receberiam em seus países de origem.

Acontece que, com a crise do petróleo de 1973, o desemprego aumentou e os governos pararam de conceder licenças para a vinda de novos trabalhadores<sup>11</sup>.

Mas, a quantidade de familiares que vieram, aliada a alta taxa de fertilidade e da vinda cada vez maior de imigrantes clandestinos, que eram negociados por traficantes de pessoas, o número de estrangeiros na Europa cresceu cada vez mais<sup>12</sup>.

<sup>7</sup> Para aprofundamento neste tema ver: Comunidades Imaginadas - Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo de Benedict Anderson.

<sup>8</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 37.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> *Idem*.

Haviam também os refugiados, LAQUEUR<sup>13</sup> aponta que, em 1992, eram setecentos mil o número de refugiados na Europa, mas, segundo ele, a maioria absoluta destes eram na verdade imigrantes econômicos, nada tendo de refugiados. E alguns, que chegavam como refugiados, não eram perseguidos em seus países de origem por lutarem pela democracia e pela liberdade, mas sim por serem de organizações islâmicas radicais e de células terroristas e que acabaram se asilando na Europa através da pressão de fortes *lobbys* (associações de direitos humanos e igrejas) como perseguidos políticos<sup>14</sup>.

Por motivos históricos, geográficos e econômicos<sup>15</sup>, parte importante dos imigrantes que chegaram e chegam à Europa desde o final da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje, são muçulmanos. Números de 2006 apontam que havia: 5,5 milhões de muçulmanos na França; 3,6 milhões na Alemanha; 1,6 milhão na Grã-Bretanha; 1 milhão na Holanda; 0,4 milhão na Suécia; 0,3 milhão na Dinamarca; 0,9 milhão na Itália; 1 milhão na Espanha; 0,5 milhão na Grécia; 0,5 milhão na Bélgica; 0,4 milhão na Áustria e entre 15 e 18 milhões na Federação Russa, Bósnia e Albânia<sup>16</sup>.

Diante deste quadro as questões religiosas e culturais, ao contrário do que alguns afirmavam, vêm se tornando cada vez mais importantes e como afirmou Samuel HUNTINGTON, a cultura é relevante:

*No mundo pós-Guerra Fria, as bandeiras são importantes e o mesmo ocorre com outros símbolos de identidade cultural, incluindo cruzes, luas crescentes e até mesmo coberturas de cabeça, porque a cultura conta e a identidade cultural é o que há de mais significativo para a maioria das pessoas. As pessoas estão descobrindo identidades novas, e no entanto antigas, e desfilarão sob bandeiras novas, mas freqüentemente antigas, que conduzem a guerras contra inimigos novos, mas freqüentemente antigos<sup>17</sup>.*

Vários analistas de diferentes origens e com opiniões diferentes vêm analisando as questões demográficas, culturais e religiosas da Europa nos últimos anos – principalmente após alguns eventos importantes e marcantes para as relações internacionais e alguns que passaram despercebidos para a maioria das pessoas e para a grande mídia, sobretudo no Brasil, onde mesmo estudantes ou até especialistas em relações internacionais não têm muito conhecimento em relação ao presente europeu e a fatos que ocorrem na política e nas sociedades europeias.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>14</sup> *Idem*.

<sup>15</sup> Históricos devido ao colonialismo europeu na África e Ásia. Geográficos devido à proximidade do norte da África com a Europa, principalmente Espanha e Itália, sendo que o norte africano é composto por: Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egito, países majoritariamente muçulmanos. Econômicos devido ao contraste entre populações miseráveis em países com economias desestruturadas na África e Ásia, enquanto na Europa havia populações com altos padrões de vida e países com economias desenvolvidas.

<sup>16</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 40.

<sup>17</sup> HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial**. Tradução de M.H.C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. p. 18.

Como fatos conhecidos e amplamente divulgados, pode-se inicialmente citar o fato marcante das relações internacionais neste início de século XXI, os ataques terroristas da Al-Qaeda aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, que mesmo tendo sido fora do continente europeu, são de grande importância para o estudo do radicalismo islâmico na Europa; depois, o ataque terrorista ao metrô em Madri em 11 de março de 2004; tem-se ainda os ataques em Londres em 7 de julho de 2005 e também pode-se citar a morte de mais de 300 pessoas, crianças em sua maioria, numa escola de Beslan, Ossétia do Norte na Rússia, causadas por terroristas chechenos.

Há, no entanto, ocorrências menores, porém, não menos marcantes para analisar-se no estudo da Europa e de seus muçulmanos, podem-se citar algumas importantes na Holanda: a ascensão do político anti-imigração e anti-islã Pim Fortuyn, assassinado por um jovem em 2002, que em seu julgamento afirmou ter cometido este ato “porque o crescimento da popularidade de Fortuyn poderia ser comparado a de Hitler, e que isso seria uma ameaça a imigrantes muçulmanos e outros membros ‘vulneráveis’ da sociedade”<sup>18</sup>; a produção do filme *Submissão* pelo diretor Theo Van Gogh e pela imigrante somali Ayaan Hirsi Ali, que denunciava a situação de opressão da mulher no mundo islâmico e o posterior assassinato de Theo Van Gogh cometido por Mohammed Bouyeri, holandês de origem marroquina, que deixou uma faca cravada ao peito de Van Gogh com a ameaça de que Ali seria a próxima.

O último acontecimento importante neste sentido na Holanda é a atual ascensão com uma popularidade cada vez maior do deputado Geert Wilders que em março de 2008 lançou o filme *Fitna* no qual denuncia que “o Islã e o Corão são parte de uma ideologia fascista que quer matar tudo aquilo em que acreditamos, numa sociedade ocidental moderna”<sup>19</sup>, nenhum canal de televisão holandês ou europeu aceitou transmitir o filme de Wilders, o primeiro-ministro holandês Jan Peter Balkenende e a União Europeia (UE) manifestaram-se contra o conteúdo do filme e a OTAN manifestou sua preocupação em relação às tropas holandesas no Afeganistão que poderiam sofrer retaliações. No entanto, Wilders afirmou que “não podemos permitir que gente que usa meios não democráticos, gente que usa a violência em vez de argumentos, gente que usa facas em vez de debates, não podemos permitir que sejam eles a definir a agenda.”<sup>20</sup>.

Deste modo, no dia 27 de março de 2008, Wilders divulgou o filme através do site Liveleak e duas horas depois, o curta metragem já havia sido visto por um milhão e meio de pessoas, pouco depois, mais um milhão de internautas acessaram o filme<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Assassino de Pim Fortuyn é condenado a 18 anos na Holanda. **BBC Brasil**. 15 abr. 2003. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030415\\_holandacrime.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030415_holandacrime.shtml). Acesso em: 30 set. 2008.

<sup>19</sup> WILDERS, Geert. **Speech Wilders in Deens parlement**. Disponível em: [http://www.pvv.nl/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1108&Itemid=1](http://www.pvv.nl/index.php?option=com_content&task=view&id=1108&Itemid=1). Acesso em: 10 jun. 2008.

<sup>20</sup> *Idem*.

<sup>21</sup> O curta metragem *Fitna* pode ser visto através do link: <http://video.google.com/videoplay?docid=3369102968312745410>. Em relação a Geert Wilders, há mais dois fatos importantíssimos ocorridos no ano de 2009 para serem profundamente analisados, o primeiro é a instauração de um processo por uma corte holandesa contra o deputado por incitar o ódio e a discriminação nos seus comentários em relação aos muçulmanos e suas crenças (ver:

Os fatos ocorridos na França, mais exatamente nos subúrbios de Paris são também de grande importância para o estudo das comunidades muçulmanas na Europa, há de se destacar que a França, através do seu modelo histórico de que todos os cidadãos franceses são iguais, baseado numa cidadania laica ancorada nos valores da Revolução Francesa, apostou num modelo diferente do modelo da Grã-Bretanha, por exemplo, onde apostou-se pelo multiculturalismo. Alguns especialistas acreditavam que o modelo francês seria o mais acertado, no qual ignora-se o fator religioso, que seria de cunho apenas pessoal, fortalecendo-se o laicismo em relação à política e ao Estado. No entanto, os subúrbios de Paris foram abalados desde o dia 27 de outubro de 2005, quando dois jovens morreram em Clichy-sous-Bois no momento em que fugiam da polícia, através de uma eletrocussão acidental, este fato levou ao alastramento de tumultos nos subúrbios franceses com a ocorrência de milhares de carros incendiados, com enormes prejuízos materiais e com um sentimento geral de insegurança<sup>22</sup>.

O outro caso conhecido e importante ocorrido na França é o do uso do véu islâmico por parte das meninas muçulmanas nas escolas, que culminou com a afirmação da *laïcité* francesa através da interdição do uso de qualquer símbolo que demonstre pertença religiosa por parte dos alunos nas escolas com a Lei 2004-228 de 15 de março de 2004, que reafirmou a tradição jurídica francesa de vedação de manifestações religiosas em espaços públicos, que remonta de décadas<sup>23</sup>.

Por último e não menos importante, foram os fatos ocorridos na Dinamarca em 2005, quando o jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* publicou charges do profeta Maomé e depois a revista norueguesa *Magazinet* as reproduziu também. Para os muçulmanos, a representação do profeta em imagem é uma heresia e neste caso, ainda maior, pois um das charges, a do cartunista Kurt Westergaard, representava o profeta com um turbante em forma de rastilho, no qual a bomba estava prestes a se explodir<sup>24</sup>.

---

<http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/europe/7842344.stm> e <http://www.iht.com/articles/2009/01/29/opinion/edbaruma.1-418385.php>). O segundo e talvez ainda mais importante: Wilders havia inicialmente sido convidado por integrantes da Câmara dos Lordes britânica para apresentar o filme *Fitna* naquela casa, como já havia feito no parlamento dinamarquês, porém sob pressão do Lorde Ahmed (único Lorde muçulmano da casa, indicado por Tony Blair) e por associações muçulmanas do Reino Unido o convite foi retirado; dias depois o convite foi refeito e Wilders desembarcou no aeroporto de Heathrow em Londres em 12/02/09, no entanto foi barrado pela alfândega britânica sob ordem do Ministro do Interior Jacqui Smith e apoiado pelo Ministro de Assuntos Exteriores David Milliband com a justificativa de que a presença de Wilders no país seria um risco para a segurança pública e incitaria o ódio racial e religioso, o que gerou uma crise diplomática entre o Reino Unido e a Holanda, pois nenhum país da União Européia pode barrar a entrada de um cidadão de um país membro, quando este cidadão é um parlamentar do outro país, a questão é ainda mais grave. Ver: (<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI3512562-EI8142,00.html> e <http://www.jihadwatch.org/archives/024809.php>).

<sup>22</sup> FERNANDES, José Pedro Teixeira. Multiculturalismo e segurança societal. Revista *R: I Relações Internacionais*, n.º 9, mar. 2006.

<sup>23</sup> *Idem*.

<sup>24</sup> As charges podem ser vistas neste *site*: [http://www.angelfire.com/journal2/midiajudaica/especiais/maome\\_cartuns/maome\\_main.htm](http://www.angelfire.com/journal2/midiajudaica/especiais/maome_cartuns/maome_main.htm).

Estas charges geraram violentos protestos em todo o mundo muçulmano, com chamadas ao boicote aos produtos dinamarqueses e noruegueses, e com o fechamento da embaixada da Líbia em Copenhague. Em apoio à liberdade de expressão na Europa, outros jornais europeus também republicaram as charges.

Ainda como forma de retaliação pela publicação dinamarquesa e pelo não pedido de desculpas oficial do governo, a embaixada dinamarquesa no Paquistão foi alvo de ataque terrorista em 2 de junho de 2008 deixando 3 mortos e 35 feridos e ainda, recentemente um vídeo da Al-Qaeda ameaçando novamente os dinamarqueses foi divulgado em 5 de setembro de 2008.

Todos estes fatos ocorridos recentemente na sociedade europeia são de grande valor simbólico e levaram a discussão da imigração, da integração ou da não integração dos imigrantes e do extremismo islâmico para o centro das discussões políticas europeias e passaram a ser tema fundamental nas eleições dos países mais afetados por estes acontecimentos.

Os principais países da UE, que no início do século XXI tinham em sua maioria governos de centro esquerda, deram uma guinada política em relação à direita com a eleição de chefes de Estado conservadores, como a primeira-ministra Angela Merkel na Alemanha, o presidente Nicolas Sarkozy na França, do primeiro-ministro Silvio Berlusconi na Itália, o primeiro-ministro Anders Fogh Rasmussen na Dinamarca e da ascensão do Partido Conservador na Grã-Bretanha, que ao que tudo indica pelas eleições locais e recentes pesquisas, é o favorito para fazer o novo primeiro-ministro britânico assim que forem convocadas eleições. A única exceção nos grandes países da UE é a Espanha, que recentemente reelegeram o socialista José Luís Rodríguez Zapatero.

A eleição de todos estes líderes conservadores, sem falar nos também eleitos nos países do leste, amparados por coalisões que muitas vezes contam com partidos da chamada “extrema direita”<sup>25</sup>, principalmente no caso italiano e dinamarquês e da expressiva vitória dos conservadores nas eleições para o Parlamento Europeu de junho de 2009, tem sem sombra de dúvida profunda ligação com a desconfiança cada vez maior dos europeus nativos em relação ao número crescente de imigrantes em seus países, ao aumento da criminalidade e outros fatores<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Explica-se as aspas em “extrema direita” pelo fato de o termo ser comumente utilizado de maneira pejorativa e que são classificados nesta esfera do pensamento político, partidos com programas de governo e ideologia política muito diversas. Somente para citar um exemplo, a chamada extrema direita alemã é composta principalmente pelo partido NPD, de fundamentação neo-nazista e antissemita, já a chamada extrema direita holandesa é composta pelo partido do já citado deputado Geert Wilders, que é profundamente anti-nazismo e pró-Israel. Isto explicita que há de se ter muito cuidado com este tipo de classificação genérica.

<sup>26</sup> Pode-se perceber que historicamente a direita europeia tem sido muito mais resistente às grandes correntes migratórias para a Europa e à idéia de países multiculturais, enquanto a esquerda se caracterizou por ser mais complacente com os imigrantes, inclusive com regularizações maciças de imigrantes ilegais. O tema imigração é, em minha opinião, uma das áreas que divide claramente as esferas políticas esquerda (socialistas) e direita (conservadores) na Europa.

Estes fatos citados levaram, como já dito, a que este tema passasse a ser analisado por vários especialistas em relações internacionais, em história e política europeia, jornalistas e outros campos de conhecimento.

## 2 EURÁBIA, ISLAMIZAÇÃO OU PARTE DA CULTURA EUROPEIA - A QUESTÃO ISLÂMICA NA EUROPA

O ano de 2008 foi declarado o Ano Europeu do Diálogo Intercultural pela UE, com este intuito, em 5 de maio de tal ano, foi realizado um diálogo informal em Bruxelas entre os presidentes das três instituições principais do bloco europeu, José Manuel Durão Barroso (presidente da Comissão Europeia), Hans-Gert Pöttering (presidente do Parlamento Europeu) e Janez Jansa (primeiro-ministro esloveno e presidente do Conselho Europeu no momento) e vinte altos representantes das religiões cristã, judaica e muçulmana na Europa.

Neste evento destinado a promover o diálogo inter-religioso, Durão BARROSO afirmou que: “O islã hoje em dia é parte da Europa. É importante entender isso. Não se pode mais ver o Islã como de fora da Europa. Nós já temos uma importante presença do Islã e dos muçulmanos entre nossos cidadãos”, continua ele que “nós podemos ser cidadãos europeus sendo cristãos, judeus ou muçulmanos ou não tendo religião”, finaliza ele afirmando que o diálogo inter-religioso prova que os “pregadores do choque de civilizações estão errados”<sup>27</sup>.

Para PÖTTERING, “o diálogo intercultural é uma importante contribuição para as relações da União Europeia com seus países vizinhos, em particular com a região do Mediterrâneo.”<sup>28</sup>.

A iniciativa da UE de promover um ano de diálogo intercultural está profundamente ligada às tensões culturais e religiosas que vem ocorrendo recentemente na Europa, sobretudo em relação aos imigrantes muçulmanos e também a segundas ou terceiras gerações destes imigrantes já nascidas em solo europeu.

Que o Islã faz parte da Europa, atual, gostando-se ou não, disso já não há dúvidas, pois são os números que comprovam a afirmação de Barroso. Já no que diz respeito à afirmação de que os pregadores do choque de civilizações estão errados, disso não se pode ter tanta certeza.

Vários autores afirmam que a integração das comunidades islâmicas na Europa é um fracasso, LAQUEUR aponta que embora todas as comunidades de imigrantes tendam a se congregar em determinadas partes de uma cidade, esta tendência entre os muçulmanos é ainda maior e não se observa apenas na Europa, e que, mesmo os que

<sup>27</sup> Barroso: Islam is part of Europe. **Jihad Watch**. 5 maio 2008. Disponível em: <http://www.jihadwatch.org/dhimmiwatch/archives/020899.php>. Acesso em: 6 maio 2008.

<sup>28</sup> *Idem*.



conseguem uma ascensão social preferem continuar nos bairros em que moram os seus pares<sup>29</sup>.

Calcula-se que o desemprego entre os jovens muçulmanos na França e na Alemanha esteja em torno de 30% a 40%, número não muito diferente da Grã-Bretanha e da Holanda. Na Alemanha, apenas 3% destes jovens ingressam na universidade e a grande maioria tem pouquíssima habilidade com o idioma alemão. Muitos destes jovens apontam que o racismo e a xenofobia dos europeus é que não os permitem progredir, mas LAQUEUR faz uma comparação entre estes jovens e os jovens imigrantes indianos que vivem na Grã-Bretanha, estes, tem resultados nas escolas muitas vezes até superior ao resultado dos britânicos nativos e inclusive as garotas muçulmanas tem, na maioria das vezes, resultados superiores aos dos rapazes<sup>30</sup>.

Segundo ele, estes jovens ouvem diariamente que a culpa do fracasso da integração não é sua e sim da sociedade e do Estado, o que não contribui em nada para a sua situação, pois, a integração é uma via de duas mãos. LAQUEUR afirma que, inclusive a grande influência sobre muitos destes jovens não vem nem da religião nem do Alcorão, mas sim das gangues de ruas: “Para entender o que se passa nas escolas e nas ruas de Kreuzberg e nos arredores de Paris, um manual de delinquência juvenil pode ser bem mais útil do que o Alcorão.”<sup>31</sup>.

Para LAQUEUR, os outros grupos de imigrantes também se esforçam para manter suas tradições e costumes, mas, diferentemente dos muçulmanos, não nutrem tanto ressentimento e ódio em relação à sociedade em que estão inseridos. Há, segundo ele, o sentimento que pode-se ser indiano e britânico ou síque e britânico ao mesmo tempo, já entre as comunidades muçulmanas tem-se a crença de que se deve lealdade apenas ao Islã<sup>32</sup>. Em relação a este fato, o radicalismo islâmico pregado em muitas mesquitas por inãs radicais tem total ligação.

Talvez, por não acreditarem que as diferenças culturais e sociais trouxessem problemas:

*não se levou em conta a elevada taxa de natalidade das comunidades imigrantes nem sua incapacidade ou falta de vontade de se integrar. Os governos anfitriões não estavam absolutamente preocupados com as conseqüências sociais, culturais e políticas de receber uma gente cujos costumes e valores eram tão distintos dos seus – imigrantes que achavam que seus valores eram superiores e que, afinal, só esperavam ser em número suficiente para impô-los aos países que os acolheram. Os europeus não previram também que tais ambições por parte dos imigrantes poderiam gerar resistências, fortalecer partidos xenófobos radicais e elevar sensivelmente as tensões internas<sup>33</sup>.*

<sup>29</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 44.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 45-46.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 73-74.

Em relação à questão da empregabilidade, LAQUEUR afirma que “criou-se a impressão de que centenas de rapazes do norte da África, turcos e de origem árabe, ansiosos por algum tipo de trabalho, viam-se privados de uma chance de emprego proveitoso por causa de seus nomes e dos locais de onde vinham”<sup>34</sup>, no entanto, imigrantes de várias outras origens conseguiam empregos e eram até disputados para as vagas e para os empregadores de várias áreas “não fazia diferença se seu primeiro nome era John ou Henry ou Mustafá ou Ali.”<sup>35</sup>.

Quanto a esta questão, para ele, as autoridades têm sim sua responsabilidade, pois em vez de encaminharem estes imigrantes para o trabalho produtivo e para a qualificação profissional e idiomática, permitiram que estes se acomodassem nas assistências e seguridades sociais. Os muçulmanos representam 5% da população da Dinamarca, mas consomem comprovadamente 40% de toda a verba com assistência social<sup>36</sup>.

Desta maneira, rapidamente este tema que até pouco era de menor importância, passou ao centro das discussões políticas na Europa, as populações nativas europeias começaram a se sentir estrangeiras dentro de seus próprios países, estando, quem sabe, até agindo de maneira errada com estas pessoas que haviam vindo procurar uma vida melhor ali, mas ninguém as havia alertado para esta tendência, e ninguém as havia consultado sobre o que achavam a respeito da vinda de milhões de novos habitantes para o continente<sup>37</sup>.

O geopolitólogo francês Alexandre DEL VALLE, por sua vez, não enxerga a possibilidade de coabitação com o islã na Europa, pois, segundo ele, a própria natureza do islã não aceita a submissão dos muçulmanos a qualquer lei que não seja a *sharia*, a lei islâmica, deste modo, assim que constituírem maioria em determinadas cidades, regiões ou até países, estes irão exigir a instauração da lei islâmica:

*Com o fenômeno maciço da imigração islâmica extra-européia, iniciado durante os anos 60, a zona da frente Islã/Ocidente se deslocou progressivamente para o interior mesmo da Europa, nas grandes metrópoles às voltas com um verdadeiro fenômeno de submersão demográfica que se arrisca a engendrar, durante os próximos anos, conflitos geopolíticos internos graves, pois alguns territórios ou cidades da Europa majoritariamente islâmicas pouco a pouco ganharam uma espécie de ‘secessionismo comunitário’, o fenômeno que se produziu no Paquistão, no Líbano, na Bósnia, em Kosovo: a famosa síndrome indo-paquistanesa*<sup>38</sup>.

Deste modo, para DEL VALLE, em qualquer sociedade em que coabitem muçulmanos e não muçulmanos, os primeiros tem a *jihad*, ou guerra santa, como meio

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>35</sup> *Idem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 78-80.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>38</sup> DEL VALLE, Alexandre. **Guerras contra a Europa**. Tradução de José Augusto Carvalho. Edição reatualizada. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2003. p. 89-90.

clássico para o seu expansionismo e para se rebelarem contra o que reconhecem como poder infiel<sup>39</sup>.

Conclui DEL VALLE que: “A luta contra o proselitismo islâmico radical deve pois ser uma das prioridades europeias em matéria de segurança, se se quer conservar a coesão das sociedades europeias e impedir os fundamentalistas antiocidentais de fanatizar as massas imigradas de confissão muçulmana<sup>40</sup>”.

DEL VALLE, em relação à integração dos imigrantes muçulmanos na Europa, segue a mesma linha de LAQUEUR, apontando que ela é muito mais dificultada pela rejeição do Islã institucional aos valores, leis, culturas, usos e costumes dos países europeus do que por um suposto “racismo” dos autóctones em relação aos muçulmanos<sup>41</sup>.

A egípcia radicada na Inglaterra Bat YE'OR segue a linha de pensamento de DEL VALLE, afirmando que o islã não faz parte da Europa, mas sim é uma força que pretende dominá-la e conquistá-la, afirma que um novo continente está emergindo, com uma cultura híbrida árabe-europeia, este continente seria o que ela chama de Eurábia, surgindo com o enfraquecimento dos fundamentos judaico-cristãos da cultura europeia e com o fortalecimento do islamismo:

*os sinais são flagrantes, tanto no plano demográfico, como político e cultural. Os milhões de manifestantes que apoiavam Saddam Hussein ou Arafat nas ruas das capitais europeias, as campanhas anti-Bush e Sharon, o desenvolvimento do anti-semitismo e da intolerância, o terrorismo, a insegurança permanente (...). Esta política, designada sob o vocábulo enganoso de ‘diálogo euro-árabe’, foi decidida ao nível da Comunidade, seguidamente da União Europeia. É uma política conjunta, coordenada entre as instituições europeias e a Liga árabe. A União Europeia tornou-se um órgão político supranacional que toma decisões sem o conhecimento das populações. Todos os que quiseram opor-se à política de Eurábia, como Blair ou Aznar, têm perdido as eleições<sup>42</sup>.*

LAQUEUR, por sua vez, não concorda com o termo Eurábia, e não enxerga a mínima possibilidade de haver uma Europa islâmica unificada:

*Eurábia é um termo interessante (para uma Europa islâmica), mas extremamente equivocado, pois não pode ser aplicado à Alemanha, nem à Grã-Bretanha nem a vários outros países europeus. Porque turcos não são árabes – e sua atitude em relação aos árabes pode ser tudo, menos amistosa. As guerras de gangues nas ruas da Berlim turca, entre grupos de adolescentes turcos, árabes e curdos, não refletem uma situação de especial proximidade entre essas comunidades<sup>43</sup>.*

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>42</sup> Entrevista a Bat Ye'or. **Observatório da Jihad**. Disponível em: <http://observatorio.dajihad.blogspot.com/2007/01/entrevista-bat-yor.html>. Acesso em: 10 jun. 2008.

<sup>43</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 180.

Para Timothy Garton ASH, professor do Centro de Estudos Europeus da Universidade de Oxford, a Europa não tem escolha, para manter o *welfare state* e o padrão de vida atual, ela necessita de imigrantes, e estes imigrantes virão, em sua maioria, do mundo muçulmano, por razões históricas e geográficas. Deste modo, a Europa necessita fazer com que este processo seja o melhor possível e não um choque de civilizações, mas para isso, os europeus devem inicialmente mudar a própria visão que tem de si mesmos:

*(...). O que nós temos que fazer não é apenas mudar o modo como nós vemos eles, mas mudar o modo que vemos nós mesmos. Nossas próprias definições de Britishness e de Europeanness têm que mudar fundamentalmente para adaptar a inevitável realidade da integração muçulmana. (...). Porque nossas populações estão envelhecendo rápido. Nós necessitamos desta imigração para pagar nossas aposentadorias a longo prazo. (...). Então imigrantes irão vir, a maioria do mundo muçulmano. Você não pode proteger dez mil quilômetros de fronteiras de uma Europa alargada. E nós não podemos, porque nossa segurança futura depende de como nós faremos uma civilizada e aberta interação com o mundo árabe, que está ali na porta ao lado, e que pelas projeções atuais vai ter uma população tão grande quanto a de toda a União Européia em 2020. (...) Nosso trabalho é fazer isso acontecer da maneira correta. (...). Um imenso desafio, isto é fato. (...). Mas não, não um choque de civilizações<sup>44</sup>.*

LAQUEUR comenta a respeito da visão dos muçulmanos na Europa de Garton ASH:

*(...) Garton Ash, expressou sua crença de que, para que os cidadãos muçulmanos comecem a se sentir à vontade na Europa, tudo depende, em última instância, da atitude e do comportamento pessoal de centenas de milhões de europeus. Ele parece se basear na certeza de que as ambições dos muçulmanos não ultrapassam o 'sentir-se à vontade', o que na verdade não se pode ter como certo. Ash criticou corretamente a versão do multiculturalismo que diz 'Respeite meus tabus que eu respeitarei os seus', observando que se você reunir os tabus de todas as culturas não sobrarão muito sobre o que conversar<sup>45</sup>.*

<sup>44</sup> HILTON, Dominic. **Beyond the barbarians at the gate**: Timothy Garton Ash interviewed. Open Democracy. 24 fev. 2005. Disponível em: [http://www.opendemocracy.net/democracy-america/canpower/article\\_2352.jsp](http://www.opendemocracy.net/democracy-america/canpower/article_2352.jsp). Acesso em: 2 set. 2008. Tradução livre do original: (...). What we have to do is not just to change the way we see them, but to change the way we see ourselves. Our own definitions of Britishness and of Europeanness have to change fundamentally to adapt to the inevitable reality of Muslim integration. (...). Because our own populations are aging fast. We need this immigration to pay our pensions in the long term (...). So immigrants will come, mostly from the Muslim world. You cannot secure ten thousand kilometers of frontiers of an enlarged Europe. And we should not, because our future security depends on our having a civilised and open interaction with the Arab world, which is just next door, and which on current projections will have a population as large as that of the whole of the European Union by 2020. (...). Our job is to make it happen well. (...). Huge challenge, that's a fact. (...). But no, not a clash of civilisations.

<sup>45</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 190.

Porém, é justamente nesta questão que toca ASH, que reside a maior parte das discórdias em relação à integração dos muçulmanos na Europa e onde quer que eles sejam minoria, como observa LAQUEUR: “(...) o Islã radical, com sua ênfase na *jihad*, reivindica imunidade de crítica e de qualquer comentário negativo, ao passo que não concede essa mesma imunidade a outras religiões e culturas.”<sup>46</sup>

Quando se entra nesta fase do debate a respeito deste tema, chega-se a uma questão ainda mais complicada, e que devido à sua complexidade não será discutida a fundo neste trabalho, a própria natureza do Islã. Uma questão que opõe diferentes visões a respeito da religião muçulmana e a análise de toda a sua complexidade, chegando-se a duas perguntas chaves e essenciais: a primeira, existe e é possível um Islã moderado? E a segunda, o Islã é compatível com direitos humanos e democracia? Esta discussão já gerou acalorados debates em universidades nos Estados Unidos, entre dois dos maiores especialistas no tema e com visões opostas, Edward Said e Bernard Lewis; debates, inclusive televisivos, na França entre Nicolas Sarkozy, Alexandre Del Valle e Tariq Ramadan, também grandes vozes da questão muçulmana na Europa e com visões opostas; e mais recentemente com os discursos e o filme de Geert Wilders e seus detratores que o acusam de xenófobo, islamofóbico e populista.

Inserido nesta complexidade do debate, HUNTINGTON analisa o islamismo:

*O Ressurgimento Islâmico (...) é um amplo movimento intelectual, cultural, social e político que predomina em todo o mundo islâmico. O ‘fundamentalismo’ islâmico, comumente concebido como o Islamismo político, é apenas um dos componentes numa revitalização muito mais extensa das idéias, práticas e retórica islâmicas e no reengajamento do Islamismo pelas populações muçulmanas. O Ressurgimento pertence à corrente principal e não à extremista, é generalizado e não isolado*<sup>47</sup>.

DEL VALLE, citando HUNTINGTON, afirma que: “certos ocidentais como o presidente Bill Clinton sustentam que o Ocidente não tem problemas com o islã, mas somente com os extremistas islâmicos violentos. Mil e quatrocentos anos de história demonstram o contrário”<sup>48</sup>.

Um dos mais famosos interlocutores do que seria uma versão ocidental do islã, ou um euro-islã, foi o egípcio-suíço Tariq RAMADAN, neto de Hassan al-Banna, fundador da Fraternidade Muçulmana<sup>49</sup> no Egito. RAMADAN apareceu em centenas de

<sup>46</sup> *Idem.*

<sup>47</sup> HUNTINGTON, Samuel. *Op. cit.*, p. 135.

<sup>48</sup> DEL VALLE, Alexandre. *Op. cit.*, p. 43.

<sup>49</sup> Breve histórico da Fraternidade Muçulmana ou Irmandade Muçulmana: “O fundamentalismo político desenvolveu-se desde 1928, com a criação da *A Irmandade Muçulmana (Al Ikhwan al-Muslimun)* por Hasan Al Bana e meia dúzia de estudantes, no Cairo. Seu arcabouço doutrinário pode ser resumido em alguns pontos: rejeição ao colonialismo e aos valores ocidentais, retorno à pureza do Islã, sacrifício extremo pela causa, assistencialismo islâmico, tomada do poder político por meios revolucionários, refundação do califado unificado no mundo muçulmano, sob a autoridade exclusiva do Corão e abolição de todas as instituições implantadas no mundo islâmico pelo Ocidente, com a conseqüente extinção dos estados árabes tais como existem, além da eliminação de Israel.” Milman, Luis. Origem

programas de televisão e em entrevistas por toda a Europa ocidental após o 11 de setembro de 2001, por ter condenado os ataques terroristas nos EUA, ele foi logo identificado como um representante de um islã moderado. Atuou como conselheiro do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair, no entanto, teve visto de entrada negado nos Estados Unidos e na França<sup>50</sup>.

Em uma entrevista à revista *Veja*, RAMADAN quando questionado se o islã é compatível com as liberdades ocidentais, responde que:

*É compatível com o Estado de direito, com a igualdade de cidadania, com a separação das esferas pública e privada, com governos transparentes. A percepção de que o Islã é dominador, dogmático e violento, enquanto o mundo ocidental é livre, democrático e racional, representa uma visão maniqueísta, completamente sem sentido, baseada no desconhecimento da história do Islã. Tivemos nosso período das luzes e também de trevas. Há uma boa dose de influência islâmica nos valores ocidentais. Do ponto de vista cultural, considero-me ocidental e, portanto, favorável à democratização dos países islâmicos e à liberdade de expressão<sup>51</sup>.*

Os críticos de RAMADAN, por sua vez, não se convencem desta “tolerância” do seu pensamento e da possibilidade do surgimento deste “euro-islã”, apontam que RAMADAN escreve a respeito de uma religião mais tolerante e adaptável em idiomas europeus e prega o fanatismo e o radicalismo em árabe. No livro *Brother Tariq: The Doublespeak of Tariq Ramadan*, publicado recentemente, a francesa Caroline Fourest analisou centenas de artigos e discursos de RAMADAN e afirma que ele possui um duplo discurso; ele nega que seja verdade.

LAQUEUR reconhece que RAMADAN encontra-se em uma posição difícil, de um lado, o egípcio-suíço defende uma modernização, mesmo que muito superficial, da religião muçulmana, e de outro, ele não pode desagradar seus seguidores muçulmanos e seus apoiadores da Fraternidade Muçulmana. RAMADAN argumenta que os muçulmanos não têm qualquer problema em conviver num Estado de direito, secular e democrático, no entanto, acaba se contradizendo quando afirma que esta convivência não pode fazer do indivíduo um mau muçulmano, porém, um bom muçulmano deve seguir a *sharia*, o alcorão e as *fatwas*, e quando as leis de um país vão contra as leis islâmicas? Na concepção de RAMADAN, para um bom muçulmano, prevalecem as leis islâmicas. Eis a contradição<sup>52</sup>.

LAQUEUR cita que certa vez, em um programa de televisão, RAMADAN foi pressionado pelo então ministro do Interior francês, Nicolas Sarkozy, sobre sua visão a respeito do apedrejamento de mulheres no mundo muçulmano em caso de adultério,

---

dos movimentos islâmicos revolucionários. Revista Espaço Acadêmico, n.º 35, abr. 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/035/35cmilman.htm>. Acesso em: 1 jun. 2009.

<sup>50</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 81.

<sup>51</sup> RIBEIRO, Antonio. Chega de destruição: O filósofo muçulmano diz que a ponte entre o Ocidente e o Islã é possível e desejável. **Revista Veja**. 13 fev. 2006. Disponível em: <http://www.tariqramadan.com/spip.php?article579>. Acesso em: 8 out. 2008.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 82.

nesta ocasião, mostrou suas contradições, não conseguindo condenar tal ato. Logo após o programa, RAMADAN se explicou: “se tivesse condenado o apedrejamento, teria feito amigos como o então ministro do Interior francês Nicolas Sarkozy, mas teria perdido seus seguidores no mundo muçulmano, e, ‘uma vez condenado, não posso mudar coisa alguma no mundo muçulmano’”<sup>53</sup>.

Em relação à situação dos muçulmanos na Europa, RAMADAN, em entrevista ao jornal argentino Clarín comenta:

*Os cidadãos muçulmanos devemos ter o direito de compartilhar tudo em nossos países, inclusive o poder real, mas os europeus querem isto? Temo que não, mas não terão outra solução a médio ou longo prazo. Sou um europeu de confissão muçulmana e, queiram ou não, somos o futuro. Eu não convido os muçulmanos a que “islamizem” a Europa, mas convido a Europa a que compreenda que o islamismo já está nela e que os muçulmanos são cidadãos de pleno direito. Os europeus estão preparados para aceitar que os muçulmanos têm algo a contribuir para esta sociedade? A Europa admite ter cidadãos de confissão muçulmana?*<sup>54</sup>

Este complexo embate de ideias se tornará cada vez mais comum na Europa e na civilização Ocidental como um todo, pois o terrorismo e o extremismo islâmico são dois dos maiores desafios à segurança internacional, principalmente pelos países democráticos e respeitosos dos direitos humanos, e como estes países conseguirão ao mesmo tempo se protegerem e manter as suas tradições de respeito aos direitos fundamentais e inalienáveis de todos os seres humanos, pois a própria sobrevivência destes países dependerá de como irão enfrentar estes desafios.

### 3 A IMIGRAÇÃO E SUA RELEVÂNCIA CRESCENTE NA AGENDA DA UNIÃO EUROPEIA

A importância crescente da questão migratória nos rumos da política europeia nos últimos anos obrigou a UE a agir em relação a este tema. Um acordo em relação à uniformização das políticas migratórias foi classificado, pelo presidente francês Nicolas Sarkozy, como um dos principais objetivos da presidência francesa do Conselho da UE no segundo semestre do ano de 2008.

Antes disso, porém, ainda sob a presidência eslovena do Conselho, em 18 de junho de 2008 o Parlamento Europeu aprovou, com ampla maioria, a Diretiva para o regresso de nacionais de países terceiros em situação irregular, também conhecida como Diretiva do Retorno ou até como Diretiva da Vergonha por associações de direitos humanos e por algumas vozes latino-americanas.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>54</sup> COUTO, Rodrigo Carrizo. O islamismo já é uma religião europeia. Entrevista com Tariq Ramadan. **Jornal Clarín**. 1 nov. 2007. Disponível em: [http://www.unisinos.br/\\_ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10423](http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10423). Acesso em: 8 out. 2008.

Tal diretiva, que visa à unificação das políticas europeias em relação à imigração e à uniformização das políticas para expulsão de imigrantes ilegais, foi amplamente criticada na América Latina, na África, por associações de direitos humanos e pela esquerda europeia, no entanto, teve grande apoio popular e foi aprovada integralmente pela maioria dos parlamentares, que não aceitaram nenhuma das modificações sugeridas pelos grupos de esquerda do Parlamento Europeu.

O presidente brasileiro Luis Inácio Lula da Silva, após a aprovação do Parlamento Europeu, proferiu: “Qual é o grande problema do mundo desenvolvido? É o preconceito contra imigração. (...). É medo de perder o emprego. (...). O vento frio da xenofobia sopra outra vez sua falsa resposta para os desafios da economia e da sociedade”.<sup>55</sup>

A visão do presidente brasileiro coincide com a visão de muitos esquerdistas na Europa e no mundo, os quais acreditam que a rejeição aos imigrantes ou à parte deles, resume-se ao medo de perder o emprego e de ter de competir com mais gente por um emprego por parte dos nativos daquele país, esta visão, está ligada à fixação marxista pela economia como resposta a todos os acontecimentos da sociedade.

Certamente, esta é uma questão a ser levada em conta, o emprego é de grande importância para a maioria das pessoas, no entanto, as questões culturais e religiosas também devem ser levadas em consideração e são, sem dúvida alguma, o motivo da rejeição por parte de muitos europeus em relação aos imigrantes.

E, seguramente, o presidente brasileiro não conhece a realidade dos subúrbios europeus, tampouco os números da imigração rumo à Europa nos últimos anos.

Em 2 de setembro de 2008, o órgão de estatísticas da UE, o Eurostat, divulgou um relatório completo a respeito da população da UE e da Europa como um todo no ano de 2007 e as previsões em relação ao comportamento demográfico no futuro<sup>56</sup>.

Este documento aponta que a população da UE continua crescendo, e alcançou os 497 milhões de habitantes, sendo que em oito países do bloco, a população teve um decréscimo. Porém, segundo o Eurostat, 80% deste crescimento populacional deve-se à imigração<sup>57</sup>.

O relatório apresenta os dados de que a população da Europa, como um todo, cresceu em 2,9 milhões de pessoas, uma taxa de crescimento de 3,5%, porém, do mesmo modo que a população da UE, o crescimento populacional de toda a Europa foi em 76% do total garantido pela imigração<sup>58</sup>.

<sup>55</sup> Lula classifica de preconceito lei contra imigração na União Européia. **Folha de São Paulo**. 24 jun. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u415587.shtml>. Acesso em: 5 ago. 2008.

<sup>56</sup> União Européia. Eurostat. **Population and social conditions**. 2 de setembro de 2008. Disponível em: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?\\_pageid=0,1136184,0\\_45572595&\\_dad=portal&\\_schema=PORTAL](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?_pageid=0,1136184,0_45572595&_dad=portal&_schema=PORTAL). Acesso em: 3 set. 2008.

<sup>57</sup> *Idem*.

<sup>58</sup> *Idem*.



Outro documento do Eurostat, que mostra o índice de *net migration*<sup>59</sup>, apresenta que este foi na UE dos 27 de próximo de 2 milhões<sup>60</sup>. Porém, estes são os números oficiais divulgados pelos governos, provavelmente, o número real, incluindo os ilegais, deve ser muito maior do que este.

Com todos estes números, chega-se a uma conclusão: não fossem os imigrantes, a população europeia praticamente não teria crescido em 2007 e o mesmo vale para os anos anteriores.

Teria então a Europa que agradecer aos imigrantes por estarem vindo? Alguns dizem que sim, outros não concordam. O ex-presidente espanhol José María AZNAR, afirmou que não se pode vencer o enorme declínio demográfico europeu apenas com políticas migratórias, pois, uma Europa com 10% de imigrantes não é o mesmo que uma Europa com maioria de imigrantes<sup>61</sup>.

LAQUEUR apresenta outro argumento para se dar uma resposta negativa a esta pergunta, o argumento econômico. A esmagadora maioria dos imigrantes que chegam à Europa, principalmente aos países mais ricos da UE, não tem qualquer qualificação profissional, ou seja, estes imigrantes não irão ocupar as posições que estão vagas no mercado de trabalho europeu que demandam alta qualificação, irão sim aumentar a lista de seguridades sociais pagas pelos governos: “(...) Acolher mais trabalhadores jovens que sejam não só despreparados mas muitas vezes sem energia nem motivação agravaria as atuais tensões étnicas, porém não ajudaria a atender às necessidades econômicas e sociais<sup>62</sup>. Em época de crise econômica mundial e com o desemprego em alta, suas chegadas não são vistas com bons olhos pela maioria dos europeus.

Cientes destes problemas, os líderes europeus aprovaram a já citada Diretiva para o regresso de nacionais de países terceiros em situação irregular, para acelerar e facilitar a deportação dos ilegais residentes nos países da UE e definiram também, sob a liderança francesa, em 25 de setembro de 2008, um pacto sobre imigração que já teve aprovação formal dos líderes na cúpula ocorrida nos dias 15 e 16 de outubro de 2008.

O texto deste pacto, considerado um grande êxito da presidência francesa do Conselho, teve aprovação unânime dos 27 países do bloco e aponta que todos os países deverão levar em conta o resto do bloco ao definir suas políticas migratórias, aceitando somente os imigrantes estritamente necessários ao mercado de trabalho, combatendo os ilegais e não realizar regularizações maciças.

<sup>59</sup> O termo *net migration* refere-se ao índice que calcula a diferença entre a imigração e a emigração em determinado lugar durante um determinado período de tempo, este índice é negativo quando o número de emigrados é maior do que o número de imigrados.

<sup>60</sup> União Européia. Eurostat. **Net migration, including corrections**. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/table.do?tab=table&init=1&plugin=0&language=en&pcode=caa14608>. Acesso em: 30 set. 2008.

<sup>61</sup> Multiculturalismo na Europa é um fracasso. **Diário Digital**. 26 abr. 2007. Disponível em: [http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section\\_id=10&id\\_news=273375](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=10&id_news=273375). Acesso em: 20 dez. 2007.

<sup>62</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.*, p. 155.

O pacto tem cinco eixos principais: organizar a imigração legal de acordo com as necessidades e a capacidade de amparada, combater a imigração ilegal e expulsar os irregulares, fortalecer os controles fronteiriços, aumentar a cooperação com os países de origem e melhorar o sistema de asilo. Segundo ele: “A União Européia não dispõe de meios para receber dignamente todos os imigrantes que esperam encontrar uma vida melhor”<sup>63</sup>.

Neste pacto foi ainda definida a criação do chamado *Blue Card*, que tem como objetivo reverter a tendência apontada por LAQUEUR, de que a maior parte dos imigrantes que chegam a UE não tem qualificação profissional, o *Blue Card*, equivalente ao *Green Card* dos Estados Unidos, tem como objetivo atrair os imigrantes com alta qualificação para trabalhar na Europa, visto que hoje em dia a maior parte dos imigrantes altamente qualificados se dirigem aos Estados Unidos, Canadá, Austrália, entre outros países.

Como pode-se perceber com esta série de medidas, Bruxelas percebeu ou foi obrigada a perceber pela pressão popular e política, que o tema imigração é um dos mais importantes para a agenda europeia neste século XXI. Resta agora saber se estas medidas serão suficientes e poderão reverter a atual tendência demográfica europeia ou se serão apenas paliativas e não terão capacidade de reverter um futuro inevitável, pois, nem os governos nacionais nem a UE podem obrigar os cidadãos a terem filhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há considerações importantes a serem feitas em relação ao tema, inicialmente, não pode-se ainda ter certeza em relação a uma futura islamização da Europa, há estudiosos que afirmam que tal previsão é alarmista e falsa, citando que a população islâmica no continente não chega nem a 10% das pessoas e que as atuais medidas de endurecimento à imigração tornarão a Europa cada vez mais uma “fortaleza” que não permitirá mais a entrada de imigrantes como no passado. Tal linha de pensamento é coerente, no entanto, há de ser considerada uma questão fundamental, o fato de que já há milhões de muçulmanos na Europa, e que, mantendo-se a atual alta taxa de fertilidade destes e a baixa taxa de fertilidade dos europeus nativos, não há a necessidade da entrada de mais nenhum imigrante muçulmano para que se dê a islamização da Europa<sup>64</sup>.

Alguns especialistas no assunto<sup>65</sup> apontam três futuros possíveis: a islamização inevitável da Europa e o fim da civilização europeia como a conhecemos; a aceitação

<sup>63</sup> União Européia define acordo para imigração seletiva. **O Estado de São Paulo**. 25 set. 2008. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/internacional/not\\_int247820,0.htm](http://www.estadao.com.br/internacional/not_int247820,0.htm). Acesso em: 25 set. 2008.

<sup>64</sup> Pesquisas recentes apontam que a população muçulmana do Reino Unido cresce dez vezes mais rápido que a não-muçulmana. Fonte: [www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article5621482.ece](http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article5621482.ece).

<sup>65</sup> Ver: PIPES, Daniel. **Europa ou Eurásia?** Disponível em: <http://pt.danielpipes.org/article/5520>. Acesso em: 6 maio 2008.

dos europeus em relação aos imigrantes e a integração deles na sociedade europeia, principalmente com a diminuição do radicalismo muçulmano e laicização deste grupo, como aconteceu em relação aos cristãos e judeus europeus e; o último cenário seria o de total choque de civilizações, no qual, desenha-se o pior cenário, de que os europeus façam aquilo em que se tornaram especialistas ao longo dos séculos, o genocídio.

Os últimos acontecimentos vêm demonstrando que a tolerância das populações europeias com grandes quantidades de novos imigrantes tem sido cada vez menor, a grave crise econômica que assola todo o mundo e que afetou a Europa de maneira arrasadora tem diminuído os postos de trabalho e a demanda por imigrantes não é mais a mesma, fazendo com que até o governo socialista espanhol ofereça dinheiro para que os imigrantes desempregados retornem aos seus países. O governo do conservador Silvio Berlusconi na Itália tem tomado medidas cada vez mais duras em relação à imigração ilegal e já afirmou que não aceitará uma Itália multicultural. A Suécia, no entanto, recebeu mais iraquianos que toda a Europa junta e mais do que os Estados Unidos nos últimos anos, e as tensões dentro do antes pacífico país escandinavo são crescentes.

Os países do leste europeu que são ainda muito homogêneos, mas que tem os mesmos problemas de baixa natalidade dos europeus ocidentais não têm seguido o mesmo caminho dos vizinhos em relação à atração de imigrantes, mesmo precisando deles para suas economias em expansão, talvez por terem aprendido a lição da história.

Só o futuro dirá o que pode acontecer na Europa, talvez o fluxo de imigrações diminua e haja um novo baby-boom dos europeus, talvez não. Só se sabe que o futuro da civilização europeia terá reflexos profundos em toda a civilização ocidental e talvez marque um novo capítulo na história mundial, pois as migrações internacionais e o combate ao terrorismo islâmico são dos principais, senão os principais, desafios para a segurança internacional no século XXI.

## REFERÊNCIAS

- Assassino de Pim Fortuyn é condenado a 18 anos na Holanda. **BBC Brasil**. 15 abr. 2003. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030415\\_holandacrime.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030415_holandacrime.shtml). Acesso em: 30 set. 2008.
- Barroso: Islam is part of Europe. **Jihad Watch**. 5 maio 2008. Disponível em: <http://www.jihadwatch.org/dhimmiwatch/archives/020899.php>. Acesso em: 6 maio 2008.
- COUTO, Rodrigo Carrizo. O islamismo já é uma religião européia. Entrevista com Tariq Ramadan. **Jornal Clarín**. 1 nov. 2007. Disponível em: [http://www.unisinos.br/\\_ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10423](http://www.unisinos.br/_ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10423). Acesso em: 8 out. 2008.
- DEL VALLE, Alexandre. **Guerras contra a Europa**. Tradução de José Augusto Carvalho. Edição reatualizada. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2003.
- Entrevista a Bat Ye'or. **Observatório da Jihad**. Disponível em: <http://observatoriodajihad.blogspot.com/2007/01/entrevista-bat-yor.html>. Acesso em: 10 jun. 2008.
- FERNANDES, José Pedro Teixeira. Multiculturalismo e segurança societal. **Revista R:I Relações Internacionais**, n.º 9, mar. 2006.

HILTON, Dominic. **Beyond the barbarians at the gate**: Timothy Garton Ash interviewed. Open Democracy. 24 fev. 2005. Disponível em: [http://www.opendemocracy.net/democracy-americanpower/article\\_2352.jsp](http://www.opendemocracy.net/democracy-americanpower/article_2352.jsp). Acesso em: 2 set. 2008.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial**. Tradução de M.H.C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

JUDT, Tony. **Pós-guerra**: Uma história da Europa desde 1945. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LAQUEUR, Walter. **Os últimos dias da Europa**: Epitáfio para um velho continente. Tradução de André Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

Lula classifica de preconceito lei contra imigração na União Européia. **Folha de São Paulo**. 24 jun. 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u415587.shtml>. Acesso em: 5 ago. 2008.

Milman, Luis. Origem dos movimentos islâmicos revolucionários. Revista Espaço Acadêmico, n.º 35, abr. 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/035/35cmilman.htm>. Acesso em: 1 jun. 2009.

Multiculturalismo na Europa é um fracasso. **Diário Digital**. 26 abr. 2007. Disponível em: [http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section\\_id=10&id\\_news=273375](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?section_id=10&id_news=273375). Acesso em: 20 dez. 2007.

PIPES, Daniel. **Europa ou Eurásia?** Disponível em: <http://pt.danielpipes.org/article/5520>. Acesso em: 6 maio 2008.

RIBEIRO, Antonio. Chega de destruição: O filósofo muçulmano diz que a ponte entre o Ocidente e o Islã é possível e desejável. **Revista Veja**. 13 fev. 2006. Disponível em: <http://www.tariqramadan.com/spip.php?article579>. Acesso em: 8 out. 2008.

União Européia. Eurostat. **Population and social conditions**. 2 de setembro de 2008. Disponível em: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?\\_pageid=0,1136184,0\\_45572595&\\_dad=portal&\\_schema=P-ORTAL](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?_pageid=0,1136184,0_45572595&_dad=portal&_schema=P-ORTAL). Acesso em: 3 set. 2008.

União Européia. Eurostat. **Net migration, including corrections**. 14 de julho de 2008. Disponível em: <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/table.do?tab=table&init=1&plugin=0&language=en&pcode=caa14608>. Acesso em: 30 set. 2008.

União Européia define acordo para imigração seletiva. **O Estado de São Paulo**. 25 set. 2008. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/internacional/not\\_int247820,0.htm](http://www.estadao.com.br/internacional/not_int247820,0.htm). Acesso em: 25 set. 2008.

WILDERS, Geert. **Speech Wilders in Deens parlement**. Disponível em: [http://www.pvv.nl/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1108&Itemid=1](http://www.pvv.nl/index.php?option=com_content&task=view&id=1108&Itemid=1) Acesso em: 10 jun. 2008.